

# O papel do dicionário de Quatremère de Quincy nos debates sobre as preceptivas arquitetônicas

Renata Baesso Pereira\*

**Resumo** Em 1788, Quatremère de Quincy (Paris, 1755-1849), que então se afirmava nos círculos eruditos de debates sobre a Arte na França, foi comissionado para elaborar o *Dictionnaire d'Architecture* para a *Encyclopédie Méthodique* do editor Panckoucke. A obra original foi publicada em três tomos (entre 1788 e 1825) e, em 1832, seu autor a redistribuiu e condensou em dois volumes no *Dictionnaire Historique d'Architecture*. O artigo discute as razões pelas quais esse gênero de texto, que separa os temas por verbetes e é publicado em fascículos, foi eleita para levar matérias ligadas à teoria da Arquitetura a várias classes de leitores, com o objetivo de orientar a formação do gosto não apenas dos arquitetos, mas também do público letrado em geral.

Palavras-chave: teoria da arquitetura, dicionário, séculos XVIII e XIX.

## El papel del diccionario Quatremère de Quincy en los debates sobre preceptos arquitectónicos

**Resumen** En 1788, Quatremère de Quincy (Paris, 1755 – 1849), que se afirmaba en los círculos eruditos de debates sobre la arte en la Francia, fue comisionado para elaborar el *Dictionnaire d'Architecture*, para la *Encyclopédie Méthodique* del editor Panckoucke. La obra original fue publicada em tres tomas (1788 - 1825) y, em 1832, su autor la re-distribuyó y condensó en dos volúmenes en el *Dictionnaire historique d'architecture*. El artículo debate las razones por las cuales este género de texto, que separa los temas por entradas e es publicado en fascículos, fue elegido para llevar temas conectados a la teoría de la arquitectura para varias clases de lectores, con el objetivo de refinar el gusto de los arquitectos y también el público alfabetizado.

*Palabras clave:* teoría de la arquitectura, diccionario, siglos XVIII y XIX.

## The role of the Quatremère de Quincy dictionary in debates about architectural precepts

**Abstract** In 1788, Quatremère de Quincy (Paris, 1755 – 1849), who, by then, was making himself known within the erudite debate circles of French art, was commissioned to elaborate the *Dictionnaire d'Architecture* for the *Encyclopédie Méthodique*, by editor Panckoucke. The original work was published in three tomes (between 1788 and 1825), and, in 1832, its author redistributed and condensed it in two volumes in the *Dictionnaire Historique d'Architecture*. The article discussed the reasons why this textual genre, which separates themes by entries and is published in fascicles, was elected to convey articles related to architectural theory to various classes of readers. The objective was refine not only architects' tastes, but also the literate public's tastes.

*Keywords:* theory of architecture, dictionary, 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries.

**A**o tratar do estudo do *corpus* disciplinar da Arquitetura na França nos séculos XVIII e XIX é fundamental destacar o papel dos dicionários e enciclopédias e, em artigo anterior publicado na Revista *Risco*, situamos o *Dictionnaire Historique d'Architecture* de Quatremère de Quincy no âmbito da tradição francesa de publicações desse gênero (PEREIRA, 2009). No presente artigo, buscamos avançar na discussão sobre as razões pelas quais essa forma de texto, que separa os temas por verbetes e é publicada em fascículos ou volumes, foi eleita por seu autor para levar matérias ligadas à teoria da Arquitetura a várias classes de leitores, com o objetivo de orientar a formação do gosto não apenas dos arquitetos responsáveis pela produção coetânea de edifícios, mas também do público letrado em geral.

O ambicioso projeto conduzido por Diderot e d'Alembert, de reunir todas as matérias do conhecimento na grande *Encyclopédie* (1751-1772) e viabilizar sua circulação para o público letrado em geral, foi sucedido por outros projetos enciclopédicos, no final do século XVIII e ao longo do século XIX. Na primeira versão da *Encyclopédie* francesa os verbetes que tratam da Arquitetura foram elaborados pelo professor da *Académie Royale d'Architecture* e autor do *Cours d'architecture* (1771-1777) Jacques-François Blondel (1705 – 1774).

Na França, os dois grandes balanços sobre a teoria da Arquitetura publicados no século XIX foram realizados na forma de dicionários: o primeiro, o *Dictionnaire d'architecture* de Quatremère de Quincy, publicado em uma primeira versão como parte da *Encyclopédie Méthodique* de Charles J. Panckoucke<sup>1</sup>, entre 1788 e 1825 e reeditado com o título de *Dictionnaire historique d'architecture, comprenant dans son plan les notions historiques, descriptives, archéologiques, biographiques, théoriques, didactiques et pratiques de cet art*, em 1832; o segundo, o *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, de Viollet-le-Duc, publicado entre 1854 e 1868.

Como destacou Vidler (1998, p.617), embora os dicionários de Quatremère de Quincy e Viollet-le-Duc apresentem teorias da Arquitetura diametralmente opostas, o primeiro defendendo um ideal clássico e o segundo um ideal gótico, há aproximações que podem ser feitas entre as duas obras, não só em relação à forma eleita por seus autores para divulgar suas ideias, mas também em relação aos papéis que ambos exerceram na *Académie* e na direção de obras públicas.

Frente ao ecletismo e aos *revivals*<sup>2</sup> que já se delineavam na França, desde a segunda metade do século XVIII, ambos os autores se colocam como defensores intransigentes de um passado ideal – seja a antiguidade grega clássica de Quatremère de Quincy, que se funde com os ideais revolucionários; seja o gótico de Viollet-le-Duc, que alimenta o nacionalismo francês da Restauração da Monarquia de Julho – como fonte de princípios capazes de conter os abusos da arquitetura de seu tempo (VIDLER, 1998, p.617).

\* Renata Baesso Pereira é Arquiteta e Urbanista, Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-2690-158X>>.

1 “O projeto de reedição da *Encyclopédie* significava para Panckoucke a oportunidade de introduzir-se no fechado círculo dos grandes editores parisienses. Amigo de Voltaire, de Rousseau e de Buffon, o livreiro tinha por ambição retomar o espírito das Luzes através da sua difusão comercial. Sem o apoio da maior parte dos redatores originais e com a ajuda de concorrentes estrangeiros, publicou entre 1776 e 1777 cinco volumes que chamou de *Supplément au Dictionnaire Raisonné*, sendo um deles de pranchas de ilustrações. Entre os autores desta publicação in-folio, que tinham por ambição corrigir artigos e ampliar a *Encyclopédie*, já se encontravam alguns dos colaboradores da futura *Encyclopédie Méthodique*. Panckoucke acreditava que trinta anos depois de sua publicação a *Encyclopédie* deveria ser reformulada, mas sempre quis manter a ilusão de uma filiação entre sua *Encyclopédie Méthodique* e a obra de Diderot e D’Alambert. O frontispício de sua obra o coloca cercado por figuras ilustres como Voltaire, Rousseau e Buffon, misturadas aos autores da *Encyclopédie Méthodique*.” MOREAU, François. *Le roman vrai de l’Encyclopédie*. Paris: Gallimard, 1990, p. 110.

2 O termo ecletismo é aqui empregado não no sentido reducionista que só o considera a predisposição dos arquitetos da segunda metade do século XIX em adotar estilos diferentes ou combiná-los entre si em um mesmo edifício. Adota-se a definição de Patetta que confere ao termo um sentido mais amplo utilizando-o para tratar das diversas de experiências revivalistas que sucederam-se desde 1750 até o final do século XIX. PATETTA, Luciano. Los revivals en arquitectura. In: ARGAN, G. C. et al. *El pasado en el presente. El revival en las artes plásticas, la arquitectura, el cine y el teatro*. Barcelona: Gustavo Gili, 1977, p.129-163. O primeiro *revival* é o neoclássico e a ele se superpõe o neogótico, para o qual o termo foi cunhado. ARGAN. Op. cit., p.8-15.

3 Para um entendimento detalhado da reorganização das Academias na França no período pós revolucionário ver: BAUDEZ, Basile. *Architecture & tradition académique*. Presses Universitaires de Rennes, 2012.

Nas notas biográficas coetâneas, Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy (Paris, 1755-1849) é apresentado de diversas maneiras: como escultor, arqueólogo, arquiteto, acadêmico ou *homme des lettres*. Sua vida longa permitiu que atravessasse um período de muitas mudanças na França. Passou por todos os eventos da Revolução e, à medida que produziu uma vasta obra ligada à teoria das artes e da arquitetura, se envolveu em atividades políticas, na direção de obras públicas (a mais célebre, sem dúvida, seu comissionamento pelo Diretório, em 1791, para transformar a igreja de *Sainte-Genève* de Paris em Panteão Francês) e em atividades de ensino.

Quatremère de Quincy era favorável à reforma das academias reais, mas contra seu fechamento e, para apresentar seu projeto pedagógico, publica *Considérations sur les arts du dessin en France, suivies d’un plan d’Académie, ou d’École publique, et d’un système d’encouragements* (1791), obra que apresenta um plano de currículo para o ensino público das artes. Seu projeto contemplava não apenas o ensino prático mas também a inclusão, nos quadros da nova escola, de teóricos, historiadores, arqueólogos, estetas e *hommes des lettres*.

Por se posicionar contra a Revolução durante o período do terror, foi acusado de monarquista, preso, exilado e só pôde retornar à França durante o Consulado, sendo admitido nos quadros da *Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, em 1804. Durante a restauração da Monarquia foi agraciado com cargos de prestígio e influência como membro do *Conseil Royal d’Instruction Publique e Intendant Général des Arts et Monuments Publics* (1816).

Com a destituição de Joachin Lebreton da direção da *Académie des Beaux-arts* e sua viagem para o Brasil como chefe da Missão artística francesa, L. Dufourny é escolhido para substituí-lo, mas recusa a posição em favor de Quatremère de Quincy que passa então a exercer a função de *Secrétaire Perpétuel de l’Académie des Beaux-arts* (1816 -1839).<sup>3</sup> Quatremère ocupou este cargo de grande influência, que representa o auge de sua carreira, por vinte e três anos, tempo durante o qual procurou implantar uma doutrina oficial na *Académie*, projeto cuja realização era por ele almejada desde a publicação de *Considérations sur les arts du dessin en France, suivies d’un plan d’Académie, ou d’École publique...* (1791). Ampliou significativamente o papel do *Secrétaire perpétuel* que passou a ser responsável por redigir regulamentos e resenhas históricas sobre a vida de artistas, realizar conferências públicas sobre arte e teoria da Arquitetura, escolher os temas do *Grand Prix*, reformar o currículo da *École des Beaux-Arts* e controlar a *Académie de France à Rome*. Durante este período, sob a influência direta ou indireta de Quatremère de Quincy, a *Académie des Beaux-Arts* exerceu um forte controle sobre as artes na França.<sup>4</sup>

A trajetória acadêmica de Quatremère de Quincy foi concomitante à defesa intransigente do ideal clássico e a uma produção profícua que transitou por diversos gêneros literários. Ingressou nos debates sobre Arte e Arquitetura na França quando ganhou, em 1785, o prêmio da *Académie des inscriptions et belles lettres* com o ensaio *Mémoire sur l’architecture égyptienne*<sup>5</sup>. Neste texto ele já se posiciona em relação aos debates coetâneos sobre a origem da arquitetura e para isso apresenta uma discussão sobre os conceitos de Imitação e de Tipo que estarão presentes como verbetes no *Dictionnaire d’architecture* (1788-1825).

<sup>4</sup> As informações foram colhidas no ensaio biográfico que faz parte da obra: Schneider, René. *Quatremère de Quincy et son intervention dans les arts (1788-1830)*. Paris: Librairie Hachette et Cie., 1910. Disponível em: <<https://archive.org/details/quatremerequi00schn/page/n8/mode/2up>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

<sup>5</sup> O ensaio foi publicado em 1803 com uma nova introdução que embora reconhecesse a importância da campanha histórica e científica patrocinada por Napoleão Bonaparte não incorporou seus conteúdos. QUATREMÈRE DE QUINCY. *De l'état de l'Architecture Égyptienne, considérée dans son origine, ses principes et son goût, et comparée sous les mêmes rapports à l'Architecture Grecque*. Paris: chez Barrois L'aîné et Fils, 1803.

<sup>6</sup> DURAND, Jean-Nicholas-Louis. *Précis des leçons d'architecture données à L'École Polytechnique*. Nouvelle édition. Paris: École Royale Polytechnique, 1819 (edição facsímile: Nördlingen: Verlag Dr. Alfons Uhl, 1985), p.16.

O intercâmbio epistolar foi o gênero literário escolhido por Quatremère para se opor publicamente à política do Diretório em relação à pilhagem das obras de arte nos territórios conquistados pela França e à criação dos museus. As *Lettres à Miranda* são veiculadas pela primeira vez nos jornais parisienses da época, como estratégia de chamar o público letrado em geral a participar desse debate e, só em 1815, seriam publicadas em conjunto na forma de um livro. Após uma visita a Londres, a publicação de suas cartas para o escultor Canova é a forma escolhida para sintetizar suas impressões sobre os mármores do Parthenon e reafirmar suas concepções sobre o ideal de beleza e a teoria da imitação.

Em 1823, desfrutando da autoridade que cargo de *Sécretaire perpétuel de l'Académie des Beaux-Arts* lhe conferia, Quatremère publica o ensaio *De l'imitation* em que trata de definir o sistema no qual se inserem as belas-arts em geral e classificar a Arquitetura como uma das artes que imita a Natureza, posição que se opunha a de outras figuras influentes do seu tempo, como Jean-Nicolas-Louis Durand, professor da *École Polytechnique*, que advogava o fim da mimese<sup>6</sup>.

A publicação do *Dictionnaire d'architecture* na *Encyclopédie Méthodique* de Panckoucke se arrastou por um longo período, em função dos muitos eventos que alteraram o sistema de governo na França na passagem do século XVIII o XIX. A obra foi dividida em três tomos: o primeiro publicado em 1788, o segundo, em dois volumes, em 1801 e 1820 e o terceiro, em 1825. Diferente do projeto original da *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert, em que a Arquitetura figura entre os verbetes do sistema das belas artes, na *Méthodique*, a ambição de Quatremère de Quincy de conferir à esta disciplina autonomia se concretiza e ela ganha então um dicionário próprio. A obra possui total coerência teórica, apesar da distância temporal que separa os três tomos.

O critério de escolha dos verbetes do *Dictionnaire* é sua relação com uma das cinco temáticas apresentadas no exórdio: a "Histórica e Descritiva", que apresenta as novas e numerosas descobertas sobre os monumentos dos vários povos da antiguidade e também apresenta exemplares da arquitetura moderna; a "Metafísica", que distingue "a essência da Arquitetura, a natureza de seus meios, as relações que ela guarda com os sentidos, a compreensão e o gosto, os caminhos que ela deve percorrer para nos mover e nos agradar" e inclui as noções de "ordem, simetria, unidade, variedade, beleza, harmonia, discordância, invenção, genialidade, imitação, etc."; a "Teórica", tida pelo autor como a parte mais importante, pois "interessa a todos os tipos de leitores, orientando o arquiteto na concepção de suas obras e o público no julgamento que ele realiza"; a "Elementar" ou "Didática" que concentra o maior número de verbetes e "concerne àqueles que aprendem e ensinam esta arte", incluindo referências a tratados, paralelos, compêndios, às regras gerais das cinco ordens, suas medidas e proporções mais aceitas, e por fim a temática da "Prática", que se refere aos aspectos técnicos da construção (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1788, tome I, Avertissement. p.V).

Essas temáticas não são tratadas separadamente. Os verbetes são apresentados de forma convencional, por ordem alfabética, embora o autor reconheça que esta não é a maneira mais favorável para que se compreenda o plano que conduziu a escolha dos verbetes. Quatremère não organiza um quadro geral que oriente a leitura do *Dictionnaire* como um tratado, mas cria um sistema de referência entre os verbetes que tem um papel fundamental para a compreensão da estrutura teórica que sustenta

7 “Fontenelle, em sua digressão sobre os antigo e os moderno, publicada em 1688, ainda sustentava que, embora haja progresso na ciência e na indústria, nas quais o desenvolvimento é cumulativo, não há nas artes plásticas que são expressão espontânea do espírito humano. No entanto, foi precisamente o progresso na ciência e na indústria que impressionou os filósofos de meados do século XVIII, fazendo-os acreditar que esse avanço levaria a uma melhoria em todas as ordens.” COLLINS, Peter. *Los ideales de la arquitectura moderna; su evolución (1750-1950)*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998, p.27. “A vantagem que Fontenelle atribui aos modernos por estarem montados nos ombros dos antigos é, portanto, muito real do lado do conhecimento progressivo como, física, astronomia, mecânica (...) Mas em termos de talentos, gênio e gosto, a sucessão não é a mesma. Razão e verdade são transmitidas, a indústria pode se imitar; mas o gênio não é imitado, a imaginação e o sentimento não passam como herança.” ANCIENS, (Belles-lettres). In: DIDEROT, Denis, ALAMBERT, Jean Le Rond d’ et alii. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de lettres*. Troisième édition. Geneve ; chez Jean-Léonard Pellet, Imprimeur de la République ; Neufchâtel : chez la Société Typographique, 1779, (tome deuxième), p.604-605.

8 Em 1755 Winckelmann publica “Reflexões sobre a imitação da arte grega na pintura e na escultura”. Este ensaio já contém as principais ideias do autor e sua repercussão foi considerável, transformando-o no porta-voz do movimento antibarroco, que se anunciava, ainda de maneira débil. Winckelmann recomenda aos jovens que, no processo de iniciação aos mistérios da criação artística, façam o aprendizado não a partir da natureza, mas a partir da imitação dos antigos: “O único meio de nos tornarmos grandes e, se possível, inimitáveis, é imitar os antigos”. WINCKELMANN. Johann Joachim. *Reflexões sobre a arte antiga*. Tradução de Herbert Caro e Leonardo Tochtrop. Porto Alegre: Movimento, UFRS, 1975, p.39.

o *Dictionnaire*. Por exemplo, no verbete “Tipo”, ele encaminha o leitor para que consulte o verbete “Caráter”, cujo conteúdo é complementar, mas também indica a leitura dos verbetes Pirâmide e Túmulo, onde relaciona estes edifícios aos seus tipos originais. No verbete “Arquitetura”, na primeira parte em que trata da sua origem, remete o leitor ao verbete Cabana e, na segunda parte, em que discute a imitação do corpo humano e da ordem geral da Natureza, recomenda o exame do verbete Proporção (PEREIRA, 2009, pp.7-14).

Adversando os revivals e o historicismo nascente, a posição marcada por Quatremère de Quincy na Académie e no conjunto de sua obra é uma tentativa de sistematizar preceptivas que rejam a criação de novas obras pelos artistas e arquitetos, mas que também fundamentem o julgamento e a crítica do público. O caminho escolhido é a invocação de um ideal antigo que se expressa em diversos verbetes do *Dictionnaire*.

Todo o século XVIII ainda repercute a *querelle des anciens et des modernes*, e os seus debates sobre as noções do “bom gosto” e do “belo”, na qual os últimos afirmam que tais conceitos só podem ser atingidos a partir da observação atenta da Natureza enquanto os primeiros defendem a autoridade dos antigos. Contudo, é preciso matizar esta disputa, pois nem o ensino acadêmico, nem o discurso dos artistas, jamais renunciaram por completo à referência antiga.

*“Também deve ser assinalado que mesmo os “modernos” não rejeitavam a imitação dos modelos antigos, o que constituía, de todo modo, um lugar-comum na historiografia da época. A história era geralmente ensinada e aprendida a partir de exemplos (...). A diferença entre os “modernos” e os “antigos” encontrava-se, sobretudo, no grau de liberdade que o émulo podia se permitir ao tratar do passado. Para os “modernos” a razão emanava de um cogito, era independente da história, transcendendo-a. Para os “antigos”, e eu resumo sua posição ao nível da caricatura, a razão era imanente à história, e mais particularmente à história antiga, que se deslocava sobre os trilhos de uma sequência mítica quase que atemporal”.* (RYKWERT, 2003, p.57)

Publicado na primeira versão do *Dictionnaire* (tomo I- 1788), da *Encyclopédie Méthodique*, e reorganizado para a edição de 1832, o verbete “Antigo” trata, de forma sistematizada, conteúdos teóricos, históricos e críticos, reportando-se a fontes antigas e modernas. Na primeira seção do verbete, que trata das “Considerações teóricas sobre a perfectibilidade relativa das ciências e das belas-artes”, embora não o cite nominalmente, Quatremère demonstra-se alinhado à Fontenelle que reconhece o progresso moderno nas ciências, mas defende a primazia dos antigos nas matérias relativas ao gosto, ao gênio e à invenção<sup>7</sup>. No verbete trata de distinguir os significados das palavras “descoberta”, ligada ao campo das ciências naturais e da “invenção”, no campo das belas-artes, “do mundo ideal, do sentimento e da imaginação” (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, tomo I, p.46-7). A segunda seção do verbete, “Considerações históricas sobre as causas da perfeição do que se denomina antigo ou artes gregas”, apresenta derivação patente da teoria de Winckelmann<sup>8</sup> que por Antigo, entende a cultura grega dita clássica.

*“Tentamos demonstrar que a arte antiga, produção original do gênio dos gregos, foi o resultado de causas que, desde então, não se reproduziram em nenhum outro lugar, no âmbito das artes que têm por objetivo a imitação dos corpos. Agora se faz necessário demonstrar, através de que liame a Arquitetura unindo-se a estas artes e*

*assimilando-as, também produziu um sistema cuja excelência serviu para propagá-la entre todas as nações. Em mais de um artigo (ver Arquitetura, Madeira, Cabana) se considerou o princípio originário de construção nesta arte como fonte de seu sistema imitativo. Aqui nos contentamos em indicar qual foi o liame comum à arquitetura grega e às artes, que têm por objeto especial a imitação do corpo humano; gênero de analogia que não seria encontrado em nenhuma das outras arquiteturas.* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, tome I, p.47)

Para Quatremère, o recurso ao ideal antigo grego era antídoto contra o que considerava abusos na apropriação das descobertas de monumentos dos diversos povos da antiguidade que passaram a circular pela Europa na forma de gravuras e relatos. A defesa dessa posição se faz presente de forma consistente no verbete “Antigo” mas também em vários outros, fato que reflete a coerência de sua obra. Ao orientar a escolha das obras da arquitetura antiga a serem estudadas, retoma o tema da mimese em Arquitetura e elogia os arquitetos do século XVI que, no seu entendimento, foram capazes de empreender a correta imitação dos antigos:

*“Há duas maneiras de imitar o antigo. Uma, impropriamente chamada imitação (ver esta palavra), consiste unicamente em reproduzir, nas suas cópias, aquilo que não é senão a aparência. A outra é aquela que consiste, por parte do imitador, da apropriação dos princípios e, por conseguinte, do gênio ou de suas causas, junto com suas consequências. (...) na Arquitetura, nada é mais fácil que a transferência de todas as partes de uma disposição ou de uma composição para uma outra, de todos os detalhes de ornamentos de um edifício para o projeto de um outro (...). Se estes pretensos imitadores são chamados a executar um edifício que não possui nenhum antecedente ou correspondente entre os Antigos, e ao qual não seja permitido adaptar o luxo banal de colunas ou de peristilos, então se descobrirá a total indigência de seu gênio e sua incapacidade para caracterizar as propriedades de cada edifício, através da escolha de formas convenientes a seu emprego, e da judiciosa aplicação de ornamentos significativos. A verdadeira maneira de imitar consiste, portanto em penetrar de fato no espírito e nas razões por trás destas obras, (...). O necessário e o útil são as primeiras condições que se exigem das obras de Arquitetura. É a partir do útil que deve nascer o agradável: é da sua íntima união que resulta a prazerosa impressão que recebemos. A utilidade, ou, se quisermos, a necessidade, foi (...) a base e o princípio gerador da arquitetura grega, ou daquela que se designa de bela arquitetura antiga. Ao seguir, no estudo de seus monumentos, o fio precioso que, outrora, guiou os inventores desta arte, os modernos poderão se tornar os continuadores dos gregos”.* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, tome I, p.48)

<sup>9</sup> “Os gregos, mais próximos da Natureza, perceberam, diz Chambray, muito mais claramente as coisas que vemos apenas com dificuldade, depois de um longo estudo da arquitetura antiga”. QUATREMÈRE DE QUINCY, A. C. *Encyclopédie Methodique - Architecture*. Tome I, 1788, p.176.

No verbete “Autoridade”, citando Roland Freart de Chambray<sup>9</sup>, Quatremère afirma que “no âmbito da Arquitetura as obras dos gregos, depois de terem experimentado a crítica de tantos séculos e de tantas nações, tornaram-se uma espécie de equivalente da Natureza em seu gênero.” Porém alerta que mesmo a “Autoridade” do antigo exige discernimento na apreciação do enorme número de obras. Admite admirar Claude Perrault por este não se submeter cegamente aos ditames dos antigos (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1788, p.178).

Acontece com o verbete Abuso o mesmo que com os demais verbetes do *Dictionnaire*: o controle de Quatremère sobre a totalidade do texto, bem como as disquisições

advindas de outras obras, sobretudo do ensaio *L'Imitation* (1823), o permitem confrontar verbetes afins e encadear os artigos reafirmando o estatuto da Arquitetura como arte de imitação. Neste sentido, assevera que os princípios da imitação e as regras de execução da Arquitetura exigem certas concessões, sem as quais ela deixaria de ser uma arte, e retornaria à esfera dos trabalhos mecânicos. Os princípios da Arquitetura não são inflexíveis, concessões e licenças são admitidas, sobretudo quando autorizadas pelo uso prolongado; mas há que se encontrar a medida e operar dentro de um sistema de regras sem, contudo, abrir mão do exercício do gosto e da escolha racionada.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Jaques-François Blondel também admite certas licenças e condena os abusos: “Na arquitetura, as licenças às vezes podem ser vistas como recursos; os abusos sobre os quais queremos falar nunca podem ser considerados como algo além da mediocridade artística. (...) o abuso do arquiteto se revela quando ele ignora as regras ou porque acredita estar acima dos preceitos”. BLONDEL, J.F., *Cours d'Architecture, 1771-1777*. In: FICHET, Françoise. *La théorie architecturale à l'âge classique – essai d'anthologie critique*. Bruxelles : Pierre Mardaga, 1979, p.444.

<sup>11</sup> “O século XVI, na Itália, reproduziu, na medida do possível, os princípios da antiguidade em todas as artes e principalmente na arquitetura. As regras e combinações desta arte, o caráter das ordens, o bom gosto dos ornamentos, tudo foi aplicado com grande sucesso aos edifícios civis e religiosos, e vimos Léon-Baptiste Alberti, Bramante, Peruzzi, Sangallo, Palladio Serlio, Scamozzi, etc., competir entre si, em seus monumentos ou tratados, para fixar novamente o gênio moderno, no círculo em que o gênio da antiguidade foi exercido por doze séculos, sem ter esgotado as combinações dos elementos sempre férteis, que são o material das invenções desta arte”. QUATREMÈRE DE QUINCY, A. C. *Encyclopédie Methodique - Architecture*. Tome II, vol. 2, 1820, p.570.

Mesmo entre aqueles que admitem que a construção em madeira seja a origem da arquitetura grega Quatremère aponta duas classes de *abusos*: de um lado, o rigorismo excessivo ou a conduta estritamente positiva que destrói o encanto da imitação, de outro a arbitrariedade caprichosa que não admite regras. Na versão de 1788 desse verbete, às considerações teóricas segue a didática enumeração dos abusos apontados por Palladio e por Perrault em *Ordonnance des cinq espèces des colonnes selon la méthode des anciens* (1683).

O verbete “Invenção” foi originalmente publicado na *Encyclopédie*, tomo II, vol. 2 (1820), e a edição de 1832 do *Dictionnaire* apresenta algumas omissões sem, contudo, alterar de forma significativa sua estrutura e seu conteúdo. A referência nominal aos arquitetos italianos do século XV e XVI que, segundo Quatremère, foram capazes de proceder a ditosas invenções dentro do sistema da arquitetura antiga, foi suprimida na versão de 1832.<sup>11</sup>

O simples gosto pela novidade se opõe ao gênio inventivo que deve exercer sua ação dentro de um sistema de regras. Contrário às inovações do século XVII, Quatremère pretende restabelecer o que considera essencial à Arquitetura: a “Invenção” que se referencia no conjunto de princípios dados pela correta imitação da Natureza e da Antiguidade.

*Então aqueles que procuram agradar através da originalidade se esforçam para descobrir maneiras novas; mas a originalidade que se procura tem sempre qualquer coisa de factícia, que logo se torna uma bizarrice. O gosto do público se deixa tomar pelo engodo da novidade; ele proclama inventor aquele que parece deixar os caminhos já trilhados; ele chama de invenção aquilo que nada mais é que inovação. Logo todo o respeito pelos princípios e pelas regras consagradas passa por servilismo ou timidez, e o campo da imitação é deixado ao desregramento do capricho. (...) Longe de dizer que as regras prejudiquem a invenção, é preciso, ao contrário, afirmar que a invenção não existe fora das regras; e acrescentamos que o mérito da invenção seria nulo, se fosse possível não haver regras, pois não haveria nenhum meio de julgá-la”.* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, tomo II)

Ao apresentar os significados que o termo “clássico” assumiu ao longo da história, Rykwert nos esclarece que “as conotações de autoridade e distinção formam parte da constituição própria dessa palavra”. Na Idade Média, o emprego da palavra “clássico” foi substituído por “canônico”, no sentido de “norma” e de “regra”, mas a partir do século XVII, “clássico” passa a ser empregado não só com o sentido de “algo excelente e seletivo, algo de primeira classe, como também algo antigo”. (RYKWERT, 1982, p.10). A palavra “clássico” não constitui um verbete no *Dictionnaire* de Quatremère de Quincy, contudo o termo é empregado para definir o gosto “correto” que deveria orientar a produção das obras de arte.

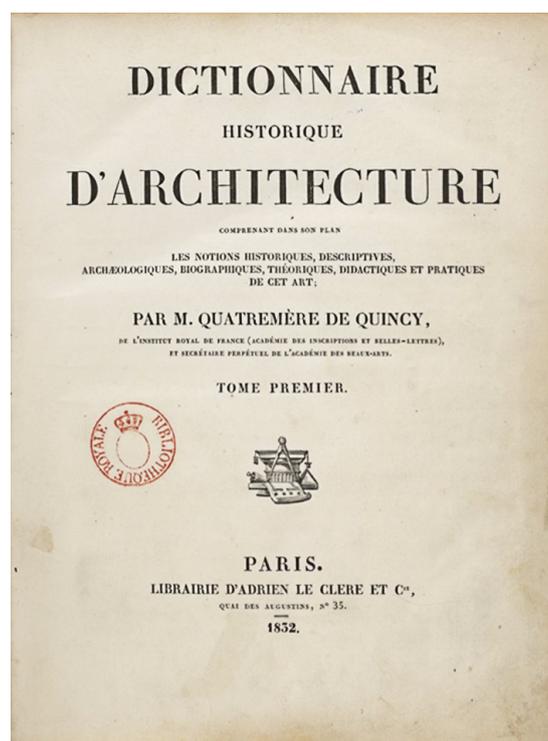
*“O que é portanto o chamado gosto clássico? É simplesmente aquilo que serviu de modelo para todos os povos da Europa moderna, e segundo o qual são compostas todas as obras que o mundo admirou até agora”.* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1823, p.80)

A autoridade de Quatremère de Quincy pode ser medida pelos inúmeros ataques dirigidos a ele por sectários de romantismos nascentes, mas foi a Revolução de 1830 que “representou um golpe mortal à doutrina e à influência do *Secrétaire Perpétuel de l’Académie*”. No Salão de 1831 “Eugène Delacroix expõe sua Liberdade guiando o povo, emblema da dupla revolução”, contra o governo e a *Académie* (SCHNEIDER, 1910, p.423). Para demonstrar a degeneração da *Académie* é a Quatremère de Quincy também que Viollet-le-Duc se contrapõe no verbete “gosto” de seu *Dictionnaire*.

*“Já faz muito tempo que se considera como garantia do gosto adotar certos tipos, reconhecidamente belos e deles jamais se afastar. Tal método, adotado na Académie de Beaux-Arts, no que se refere à arquitetura, nos levou a tomar por expressão do gosto certas fórmulas banais, a excluir a variedade, a invenção e considerar como fora da lei todos os artistas que buscassem expressar as novas necessidades através de novas formas. (...) O gosto (em arquitetura) ao invés de ser uma lei que flui de um princípio verdadeiro, geral, admitido por todos e aplicável a todas as coisas, tornou-se o privilégio de uma escola exclusiva.* (VIOLLET-LE-DUC, 1858, p.32-3)

**Figura:** Folha de rosto do Dictionnaire Historique d’Architecture, tomo I, publicado em 1832. Fonte: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1045594m.image>>. Acesso: 17 de outubro de 2019. Obra de domínio público.

Foi apenas a partir da segunda metade do século XX que a obra teórica de Quatremère de Quincy passou a ser revalorizada. Arquitetos e historiadores da arquitetura como Argan (2000), Rossi (1995), Vidler (1997, 1998) e Moneo (2000) revisitam o *Dictionnaire* em busca de algumas chaves para reestabelecer o diálogo da arquitetura com o seu passado sem incorrer nas cópias literais e nas colagens banais de elementos.



## Referências bibliográficas

- ARGAN, G.C. Sobre o conceito de tipologia. In: \_\_\_\_\_. *Projeto e destino*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- MONTEO, Rafael. Sobre la noción de tipo. In: COSTA; Xavier (ed.). *Habitats, tectónicas, paisajes, arquitectura española contemporánea*. Madrid: ACTAR, 2000.
- QUATREMÈRE DE QUINCY. *De l'imitation*. Facsimile du Essai sur la nature, le but et les moyens de l'imitation dans les beaux-arts, Paris, 1823. Bruxelles: AAM Editions, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Dictionnaire historique d'architecture*. Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et C<sup>ie</sup>, 1832, tomes I –II.
- \_\_\_\_\_. *Encyclopédie Methodique - Architecture*. Liège: chez Panckoucke, Tome I, 1788.
- \_\_\_\_\_. *Encyclopédie Methodique - Architecture*. Liège: chez Panckoucke, Tome II, vol.1, 1820.
- PEREIRA, Renata Baesso. "A definição de Arquitetura no Dictionnaire Historique de Quatremère de Quincy". *Risco* (São Carlos), v. 10, p. 3-14, 2009.
- ROSSI, Aldo. *Arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RYKWERT, Joseph. *A casa de Adão no paraíso*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RYKWERT, Joseph. *Los primeros modernos – los arquitectos del siglo XVIII*. Barcelona.GG, 1982.
- VIDLER, A. *El espacio de la ilustración: la teoría arquitectónica en Francia a finales del siglo XVIII*. Madrid : Alianza Forma, 1997.
- VIDLER, A. The idea of type: the transformation of the academic ideal, 1750-1830". In: HAYS, K. Michael (ed.). *Oppositions Reader*. New York: Princeton Architectural Press, 1998, p.439-459.
- \_\_\_\_\_. The third typology. In: HAYS, K. Michael (ed.). *Architecture theory since 1968*. Columbia University in the city of New York and The MIT Press, 1998, p.285-294.
- VIOLLET-LE-DUC, E. E. *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVle siècle*. Vol.6. Paris: Morel, 1858. Disponível em: <<https://archive.org/details/dictionnairera06viol/page/32/mode/2up/search/goût>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

Recebido [Fev. 15, 2020]

Aprovado [Mai. 05, 2020]